

# Aquisição da estrutura funcional em Caboverdiano<sup>1</sup>

*Fernanda Pratas*

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL)

## Abstract

Capeverdean (CV) is a non *pro*-drop language (Pratas, 2007): no null referential subjects in matrix clauses are allowed in adult grammar. This paper presents the results of the first experiment (elicited production task) with young CV speaking children in Santiago Island. As in other non *pro*-drop languages, some instances of early Null Subjects have been observed. It is proposed that CV children have correctly set the value of the Null Subject parameter (negative), but their early grammar offers the option of a clause root at a lower level than CP (truncation hypothesis, Rizzi, 1994; 2000), which allows for subject omission.

**Keywords:** acquisition, null subject parameter, Capeverdean, truncation hypothesis

**Palavras-chave:** aquisição, parâmetro do sujeito nulo, Caboverdiano, hipótese de truncamento

## 1. Introdução

O presente artigo tem quatro objectivos principais: descrever as propriedades gramaticais do Caboverdiano (CV) que motivaram o plano de estudos de aquisição da estrutura funcional da frase nesta língua crioula de base lexical portuguesa (secção 2.); apresentar o meu primeiro trabalho experimental na ilha de Santiago, em Outubro de 2008, em que uma tarefa de produção elicitada de sujeitos nulos foi aplicada a crianças com cerca de 3 anos de idade (secção 3.); discutir uma proposta de análise para os seus resultados (secção 4.); apontar conclusões e deixar em aberto o caminho para a continuação desta investigação (secção 5.).

Antes, porém, as duas subsecções que se seguem apresentam uma perspectiva geral de algumas propostas anteriores quanto à aquisição do parâmetro do sujeito nulo e da estrutura funcional da frase.

---

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer as críticas e sugestões ao longo das diversas fases deste trabalho: ao grupo do G4 (Gramática Generativa às Quartas), no CLUNL, e em particular a João Costa e Maria Lobo; a Nina Hyams, da UCLA, e a Naama Friedmann, da Universidade de Tel Aviv; à audiência do XXIV Encontro Nacional da APL (Braga, Novembro 2008), bem como a dois avaliadores anónimos para o presente volume. Um agradecimento especial vai para as responsáveis e educadoras dos três jardins-de-infância em Santiago, Cabo Verde, cujas crianças participaram neste estudo: Pedra Compridu (Flamengos), e Pimpão e Disneylândia (Praia). Este projecto de investigação é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) – ref SFRH/BPD/28631/2006.

### 1.1. Sujeitos nulos em línguas não *pro-drop*

Em diversas línguas (inglês, francês, holandês, dinamarquês, entre outras), frases com sujeito referencial nulo não são uma opção na gramática do adulto. Estas são por isso chamadas línguas não *pro-drop*, por oposição àquelas em que os sujeitos nulos estão disponíveis para diversos contextos (português, espanhol, italiano, entre outras). No entanto, tem sido verificado que em algumas dessas línguas não *pro-drop* ocorrem sujeitos nulos no discurso espontâneo das crianças com idades até cerca de três anos e meio.

Tomemos como exemplo o inglês, cuja gramática do adulto apenas admite sujeitos nulos em circunstâncias muito específicas (Haegeman, 1990): imperativos (1), em que é omitido o pronome de segunda pessoa, e um contexto conhecido como “diary drop” (2), em que alguém a escrever uma carta ou entradas num diário omite da narrativa o pronome de primeira pessoa.

(1) Eat your dinner!

(2) Talked to Mom yesterday. Don’t know why she doesn’t like telephones...

Apesar desta propriedade gramatical da língua do adulto, tem sido verificado que aproximadamente 50% das produções espontâneas das crianças falantes de inglês não têm um sujeito frásico (Hyams & Wexler, 1993).

Este fenómeno dos sujeitos nulos no discurso das crianças falantes de línguas não *pro-drop* (“early null subjects”) tem sido alvo de diversos estudos longitudinais e experimentais, bem como de diferentes abordagens e propostas teóricas, também para outras línguas. Temos exemplos destas frases em (3), (4) e (5) (Guasti, 2002).

- |                                      |                 |               |
|--------------------------------------|-----------------|---------------|
| (3) Tickles me.                      | (Adam, 3;6)     | [inglês]      |
| ‘Faz-me cócegas.’                    |                 |               |
| (4) Se, blomster har.                | (Jens, 2;2)     | [dinamarquês] |
| olha flores TER                      |                 |               |
| ‘Olha, tenho/tens/tem/temos flores.’ |                 |               |
| (5) Mange du pain.                   | (Grégoire, 2;1) | [francês]     |
| COMER.3SG pão                        |                 |               |
| ‘Come pão.’                          |                 |               |

### 1.2. Diferentes competências ou questões de performance?

Numa tentativa de dar conta destes casos de sujeito nulo (Null Subject, ou NS) na linguagem das crianças, as diversas propostas têm seguido duas linhas de argumentação.

Uma dessas linhas valoriza os efeitos da competência. Hyams (1986; 1992), por exemplo, propôs que a gramática das crianças é distinta da do adulto. Esta diferença consistiria no facto de as crianças falantes de línguas não *pro-drop* terem, nos primeiros estádios de aquisição, um valor para o parâmetro do sujeito nulo diferente da sua língua alvo: a) hipótese *pro-drop* (Hyams, 1986), segundo a qual os NSs na linguagem destas crianças são do tipo dos NSs do italiano; b) hipótese topic-drop (Hyams, 1992), segundo

a qual os NSs na linguagem destas crianças são do tipo dos NSs do chinês (o que justificaria a sua possível identificação apesar da ausência de um forte sistema de concordância – e, logo, do necessário traço-*phi* – naquelas línguas).

Diversos estudos viriam mostrar, no entanto, que estes NSs produzidos pelas crianças têm propriedades muito específicas que não se conjugam com a hipótese de uma incorrecta fixação do parâmetro, pelo que as hipóteses acima descritas foram abandonadas. Ao contrário dos NSs das línguas *pro-drop*, aqueles não ocorrem em: a) perguntas com um elemento-*wh* frontado; b) orações subordinadas; c) orações matriz com algum outro elemento frontado que não o sujeito<sup>2</sup>.

Ainda numa linha de argumentação baseada na competência, Rizzi (1994; 2000) propõe e desenvolve a hipótese de truncamento. Esta hipótese pode ser descrita da seguinte forma: enquanto na gramática do adulto o nó CP é a raiz de todas as orações, finitas e não finitas, a gramática das crianças oferece-lhes a possibilidade de “truncarem” essa estrutura e tomarem um nó abaixo de CP (IP ou VP) como raiz das orações. A produção espontânea de NSs nos primeiros estádios de aquisição de línguas não *pro-drop* não se deve assim a uma fixação incorrecta do valor do parâmetro, mas a esta opção de uma estrutura funcional truncada, apenas disponível na gramática das crianças.

Esta hipótese permite dar conta, simultaneamente, destes NSs das crianças falantes de línguas não *pro-drop* e de um outro fenómeno que co-ocorre nas mesmas línguas e tem sido alvo de intenso debate no seio dos estudos de aquisição: as infinitivas de raiz (Root Infinitives, ou RIs), orações matriz que apresentam uma forma verbal não finita (fenómeno para o qual já foram propostas diversas análises, nomeadamente em Haegeman, 1995; Hamann & Plunkett, 1998; Salustri & Hyams, 2006; Blom, 2008; entre outros).

A referida análise unificada de ambos os fenómenos (Rizzi, 1994; 2000) é tanto mais interessante quanto eles parecem, de facto, estar relacionados: as crianças produzem claramente mais NSs com RIs do que em orações finitas; além disso, embora também produzam alguns NSs em orações finitas e RIs em orações com sujeito lexical realizado, estudos longitudinais em diversas línguas mostram que existe uma dependência, em termos de estádio de aquisição, da produção de RIs face à omissão de sujeitos. Ou seja, a produção espontânea de ambos os fenómenos declina mais ou menos pela mesma altura do desenvolvimento. Quando muito, as crianças podem ainda produzir alguns NSs por um curto período após deixarem de produzir RIs (mas nunca o contrário). Crucialmente, de acordo com esta hipótese, estes NSs das crianças não são da mesma natureza dos existentes nas línguas *pro-drop*. São categorias nulas, sem antecedente, que ocupam o especificador da raiz: em orações com verbos finitos, essa posição é Spec,IP (versão incompatível com as RIs); em orações com formas não finitas (RIs), essa posição é Spec,VP<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Todos estes contextos admitem NSs em línguas tipicamente *pro-drop*, como é o caso do português europeu:

- a) O que é que disseste?
- b) Ele disse que vinha.
- c) Ontem fui às compras.

<sup>3</sup> Subsiste ainda a discussão sobre se, no caso das RIs (em que a raiz é VP), essa categoria nula é PRO (sujeito

Outra linha de análise assume que este fenómeno não resulta de uma diferente gramática das crianças, mas sim de efeitos na sua performance, como limitações de memória e de capacidade de processamento (Bloom, 1990; Valian, 1991), ou então uma preferência por determinadas estruturas métricas que é satisfeita por frases com NS (Gerken, 1991).

Quanto à análise de RIs, uma das propostas mais recentes é a de Blom (2008), que, no seio do quadro teórico da Morfologia Distribuída, propõe que estas formas resultam de limitações de processamento (que por sua vez levam a um défice pragmático): as RIs contêm itens vocabulares subespecificados (as formas não finitas) que são adquiridos antes das formas especificadas (finitas). Esta aquisição de ambos os tipos de formas (subespecificadas e especificadas) em alturas diferentes do desenvolvimento parece, no entanto, coerente com a proposta da existência de uma gramática diferente nos primeiros estádios de aquisição.

Note-se que, como é observado em Orfitelli & Hyams (no prelo), as duas linhas de teorias sobre os NSs – com base na competência/diferentes gramáticas, por um lado, ou com base em questões de performance, por outro – implicam predições diferentes quanto à forma como estas crianças compreendem as frases em análise, quando as ouvem produzidas por outras pessoas. As teses gramaticais predizem que uma criança falante de inglês, por exemplo, compreenda e aceite uma frase com NS como uma legítima frase declarativa. Ou seja, dado que elas têm uma gramática diferente da do adulto, a sua compreensão destas frases anda a par com a sua produção. Por outro lado, as teses centradas na performance predizem que essas crianças compreendem essas frases tal como um adulto; ou seja, para uma frase como ‘Play with blocks’ (frase sem sujeito realizado, em que o verbo não está flexionado para terceira pessoa do singular) apenas estaria disponível uma leitura imperativa. O trabalho experimental daquelas autoras favorece a abordagem gramatical e, no seio desta, a hipótese de truncamento.

Na secção seguinte serão descritas as propriedades do CV que são cruciais para os estudos de aquisição da estrutura funcional da frase.

## 2. Propriedades do Caboverdiano (CV)

O CV exhibe as seguintes características gramaticais (Pratas, 2007).

A. Ausência de morfologia verbal de pessoa e número em qualquer tempo (6).

(6) Passado simples para um verbo eventivo:

N badja ‘Eu dancei’

Bu badja ‘Tu dançaste’

E badja ‘Ele/Ela dançou’

---

nulo permitido nas orações não finitas da gramática do adulto, mesmo em línguas não *pro-drop*), o que levantaria diversas questões quanto ao que acontece, por outro lado, nas orações em que a raiz é IP (ou seja, orações finitas) e que ainda assim exibem um sujeito nulo, uma vez que aqui a posição de sujeito é uma posição regida (na gramática do adulto, PRO surge sempre em posições não regidas).

Nu badja ‘Nós dançámos’  
 Nhos badja ‘Vocês dançaram’  
 Es badja ‘Eles dançaram’

B. Proibição de sujeitos referenciais nulos em orações matriz (7).

- (7) a. \* Sta duenti.  
       estar doente  
 b. \* Ta bai mar.  
       TMA ir mar (praia)

C. Ausência de sujeitos expletivos (8) – o que não põe em causa o seu estatuto não *pro-drop* (Costa & Pratas, 2007).

- (8) a. Ten tres katxor na nha rua. [existencial]  
       ter três cães na minha rua  
       ‘Há três cães na minha rua.’  
 b. Sata txobe dja. [verbos meteorológicos]  
       TMA chover ADV  
       ‘Já está a chover.’

D. Complexa estratégia composicional para marcar Tempo/Modo/Aspecto.

A construção da referência temporal em CV assenta num conjunto muito restrito de morfemas funcionais. Basicamente *sata* e *ta*, ambos pré-verbais; *-ba*, pós-verbal. Considerando que a “forma nua” dos verbos eventivos tem uma leitura de passado (perfectivo)<sup>4</sup>, é proposto que o verbo é aqui marcado por um morfema zero –  $\emptyset$ .

A distribuição destes morfemas pode ser sumariamente descrita da seguinte forma (embora outras distinções se revelem quando tentamos uma análise mais detalhada dos dados e das possíveis contribuições semânticas de cada um deles, o que no entanto não é relevante para a presente discussão). Eles podem surgir cada um por si ((9)-(14)), combinar-se entre si ((15) e (16)) ou ainda combinar-se com outros elementos na frase (como em (11)). Note-se que a sua contribuição para a interpretação temporal pode variar de acordo com eventividade vs. estatividade do verbo (como é o caso do morfema zero, em (9)). A ilustração das possíveis combinações de *sata*, marcador de progressivo, com verbos estativos como *sabe* ‘saber’ exigiria uma explicação mais demorada que não cabe no âmbito deste trabalho.

<sup>4</sup> Na verdade, segundo Pratas (2008), também a “forma nua” de verbos estativos está associada a um evento passado – contra as análises tradicionais, que propõem que alguns deles têm uma leitura de presente. Neste caso, no entanto, a leitura temporal intuitiva reflecte o estado consequente desse evento passado; por exemplo com *N sabe*. ‘Eu soube’, sem qualquer adverbial temporal, a interpretação é “Eu sei.” (“fiquei a saber”, estado consequente). Estes factos não dizem respeito a predicções estativas puras (a diferença entre estas e eventos com um estado consequente foi realçada por um avaliador anónimo), tais como *sta duente* ou *e inteligente*, entre muitas outras, cuja forma nua tem realmente leitura de presente.

- (9) N    ø-kanta.            vs.    N    ø-sabe.  
 1SG    ø.cantar            1SG    ø.saber  
 ‘Eu cantei.’ [passado]    vs.    ‘Eu sei.’ [“fiquei a saber” presente]
- (10) N    sata kanta.  
 1SG TMA cantar  
 ‘Eu estou a cantar [agora].’
- (11) N    ta kanta (tudu dia).        / N    ta kanta (manha / na bo festa).  
 1SG TMA cantar (sempre/habit.)    / 1SG TMA cantar (amanhã / na tua festa)  
 ‘Eu canto.’ (presente) / ‘Eu canto.’ [futuro]
- (12) N    kantaba.  
 1SG cantar.TMA  
 ‘Eu tinha cantado.’ / \* ‘Eu cantava.’
- (13) N ta sabe.  
 1SG TMA saber  
 ‘I vou saber.’ (futuro) / \* ‘Eu sei.’ (cf. (11))
- (14) N    sabeba.  
 1SG saber.TMA  
 ‘Eu sabia.’ (cf. (12))
- (15) N    sata kantaba.  
 1SG TMA cantar.TMA  
 ‘Eu estava a cantar.’
- (16) N    ta kantaba.                    vs    N    ta sabeba.  
 1SG TMA cantar.TMA                    vs    1SG TMA saber.TMA  
 ‘Eu cantaria.’/’Eu cantava.’        vs    ‘Eu saberia.’/ \* ‘Eu sabia.’

## E. Ausência de morfologia verbal de finitude (17):

- (17) a. N    kre    papia ku    bo.                    [controlo]  
 1SG querer falar com 2SG  
 ‘Quero falar contigo.’
- b. N    pode    papia ku            bo.            [modal]  
 1SG poder    falar com            2SG  
 ‘Posso falar contigo.’

## F. Ausência de V-para-T (contra Baptista, 2002).

Partindo de diagnósticos como a posição dos advérbios e dos quantificadores flutuantes (Sportiche, 1988) – estes nunca ocorrem entre o verbo e o seu complemento –, bem como da posição da negação frásica – o morfema de negação *ka* é pré-verbal –, verificamos que não existem argumentos posicionais para propor que existe movimento do verbo nesta língua. Além disso, também não existe motivação (nomeadamente, morfologia verbal rica) para a proposta de um nó de concordância de sujeito, AgrS.

Restaria assim apenas um possível argumento para a consideração de que existe V-para-T em CV: o facto de um dos morfemas de TMA surgir em posição pós-verbal. No

entanto, se considerarmos que esse morfema *-ba* surge nessa posição por *lowering*, continua a ser desnecessária a proposta de que existe movimento do verbo.

### 3. Uma experiência: sujeitos nulos

Dadas as propriedades gramaticais da língua descritas na secção anterior, as questões que se colocam quanto à aquisição da sua estrutura funcional são as seguintes: 1) Que estádios revelam as crianças falantes de CV quanto aos diferentes morfemas funcionais? E quanto aos auxiliares? 2) Será que produzem sujeitos nulos (NSs) em orações matriz (nos mesmos estádios que as crianças falantes de outras línguas não *pro-drop*)? 3) Se sim, esses NSs aparecem nos mesmos contextos / têm a mesma distribuição dos que ocorrem nessas outras línguas? 4) Qual é a distribuição dos sujeitos realizados? 5) Será que a língua revela algum equivalente às infinitivas de raiz (RIs)? Mais: como procurar uma infinitiva de raiz quando: i) não existe morfologia de finitude? ii) a aparente “forma nua” (na verdade, marcada por um morfema zero –  $\emptyset$ ) dos verbos eventivos significa, na gramática do adulto, o passado simples (e não um possível evento presente, como em inglês)?

#### 3.1. Tarefa: produção elicitada

Esta tarefa consistiu em elicitare a produção de sujeitos nulos em orações matriz. Mostrava-se à criança uma imagem (desenho) em que uma personagem estava a fazer qualquer coisa a outra. Em seguida a criança deveria responder à pergunta: ‘O que é que o X está a fazer ao Y?’ Por exemplo:

- (18) Kusé ki gatu sata fazi katxor?  
 ‘O que é que o gato está a fazer ao cão?’

Tendo em conta as propriedades gramaticais da língua acima descritas, foram previstas quatro respostas possíveis (19) – o clítico de objecto surge entre parênteses contemplando a hipótese da sua omissão (no entanto, a queda de clítico de objecto não é analisada neste trabalho).

- (19) a. sujeito nulo + morfema  $\emptyset$  (+ clítico de objecto)  
 ...morde(-l).  
 b. sujeito nulo + morfema de progressivo + verbo (+ clítico de objecto)  
 ... sata morde(-l).  
 c. clítico de sujeito + morfema  $\emptyset$  (+ clítico de objecto)  
 E morde(-l).  
 d. clítico de sujeito + morfema de progressivo + verbo (+ clítico de objecto)  
 E sata morde(-l).

As respostas em (19a) e (19b) são as que exibem sujeitos nulos (NSs). A frase em (19b) poderia ser considerada menos esperada no caso de estes NSs estarem associados a infinitivas de raiz (RIs).

Note-se ainda que a resposta (19c) tem para o adulto uma leitura de passado, ‘Ele mordeu-o.’ Na gramática do adulto, a resposta correcta para (18) seria (19d).

### 3.2. Execução e problemas

Foram inicialmente testadas 18 crianças no total, com a seguinte distribuição: 6 crianças num jardim infantil de Flamengos, concelho de S. Miguel, no interior da ilha de Santiago; duas destas crianças tinham cerca de 2;6 anos e quatro cerca de 3;0 (não foi possível saber as suas idades exactas uma vez que o jardim infantil não tem registos oficiais das suas datas de nascimento); 12 crianças em dois jardins infantis da cidade da Praia; sete destas crianças tinham entre 2;4 e 2;11 anos e cinco entre 3;0 e 3;6.

Os resultados seguintes apenas incluem as respostas de 13 destas crianças: as doze da Praia e apenas uma de Flamengos (esta com cerca de 3;0). Das cinco que foram excluídas em Flamengos: duas deram apenas algumas respostas; uma deu respostas repetidas que não tinham qualquer relação com os desenhos; as duas restantes, pertencentes ao grupo de cerca de dois anos e meio, tinham dificuldades em interpretar os desenhos; revelaram-se depois, no entanto, excelentes sujeitos para gravações de fala espontânea (quando em interacção com outras crianças, por exemplo).

O total de crianças foi dividido em dois grupos. Grupo 1: idades 2;4-2;11 (7 crianças). Grupo 2: idades 3;0-3;6 (6 crianças). A cada criança foram aplicadas 10 perguntas. Ou seja, a experiência contou com um total de 130 itens: 70 no primeiro grupo e 60 no segundo.

Uma nota importante neste ponto é a seguinte: estava previsto que a sequência de perguntas devia alternar uma versão A., com a marca de progressivo, e uma versão B., sem a marca de progressivo, para excluir quaisquer efeitos que a presença deste morfema (pela obrigatória finitude do verbo na pergunta, por exemplo) possa ter sobre a produção de sujeitos nulos. Esta distinção acabou por não ser feita nesta primeira fase. A única versão aplicada sistematicamente foi a A..

## 4. Resultados

Além do morfema de progressivo *sata*, ocorreram outras formas de marcação temporal: o morfema *ta* (idêntico ao que na gramática do adulto marca valores de presente/habitual) e uma forma que não existe na gramática do adulto, *sa*. Estas diferentes formas surgem na análise seguinte como:  $T_1 - sata$ ;  $T_2 - ta$ ;  $T_3 - sa$ . O sujeito realizado está identificado como S, o verbo como V e o objecto como O. Nas duas subsecções que se seguem temos a distribuição destas possibilidades combinatórias usadas pelas crianças de cada grupo.

### 4.1. Grupo 1: idades 2;4-2;11 (7 crianças)

Nesta secção são apresentados os resultados absolutos da experiência, Grupo 1.

com morfema  $\emptyset$  (aparente “forma nua” do verbo)

S V (O)           – 0 (correspondente à resposta (19c))  
V (O)             – 0 (correspondente à resposta (19a))



com <i>sata</i>	
S T <sub>1</sub> V O	– 29 (correspondente à resposta (19d))
S T <sub>1</sub> V	– 8 ((19d) sem clítico de objecto)
T <sub>1</sub> V O	– 6 (correspondente à resposta (19b)) (3 de uma criança e 2 de outra)
T <sub>1</sub> V	– 0 (nenhuma ocorrência sem sujeito e sem objecto)
com <i>ta</i>	
S T <sub>2</sub> V O	– 3
S T <sub>2</sub> V	– 0
T <sub>2</sub> V O	– 19
T <sub>2</sub> V	– 0
com <i>sa</i>	
S T <sub>3</sub> V O	– 4 (3 só de uma criança)
S T <sub>3</sub> V	– 0
T <sub>3</sub> V O	– 1
T <sub>3</sub> V	– 0
Total	= 70

Estes resultados, bem como algumas percentagens relevantes, estão organizados na Tabela 1, em baixo.

	com $\emptyset$		com <i>sata</i>		com <i>ta</i>		com <i>sa</i>		Totais	
<b>Sujeitos realizados</b>	0	0 %	37	52,89%	3	4,29%	4	5,71%	44	62,86%
com Objecto	0		29		3		4		36	
sem Objecto	0		8		0		0		8	
<b>Sujeitos nulos</b>	0	0%	6	8,57 %	19	27,14%	1	1,42%	26	37,14%
com Objecto	0		6		19		1		26	
sem Objecto	0		0		0		0		0	
<b>Totais</b>	0	0%	45	64,29%	22	31,43%	5	7,14%	70	100%

Tabela 1 – Grupo 1: idades 2;4-2;11 (7 crianças, 70 itens)

Algumas observações se impõem a partir da observação desta tabela.

Em primeiro lugar, note-se que não existe nenhuma ocorrência que seja aparentemente uma forma nua do verbo (o que também exclui combinações com o morfema  $\emptyset$ ). Ou seja, podemos concluir que as crianças não usaram a única forma disponível em CV que poderia ser correspondente a uma infinitiva de raiz. Todas as frases estão de algum modo marcadas para TMA. Note-se também, no entanto, que este resultado não atesta necessariamente a inexistência de RIs nesta língua, uma vez que as perguntas formuladas eram marcadas pelo progressivo *sata*, o que em si pode ter condicionado as respostas das crianças.

Quanto aos sujeitos nulos, torna-se evidente que, apesar de haver uma maioria de sujeitos realizados (62,86 %) no total de frases produzidas por estas crianças, a percentagem de frases com NS é significativa: 37,14 %.

Outra observação curiosa é que, quanto aos morfemas funcionais ocorridos, a maioria das respostas é marcada pelo progressivo *sata* (64,29 % do total). No entanto, uma maior percentagem de frases com sujeito nulo é marcada por uma forma *ta* (27,14% do total de respostas, contra 8,57 % com *sata*). O morfema *ta*, que marca um valor de presente/habitual na gramática do adulto, necessita de uma investigação mais aprofundada em futuros estudos, quer experimentais quer longitudinais, uma vez que uma forma homófona poderia resultar de dois outros fenómenos distintos: a) redução fonológica de *sata* (esta explicação serviria igualmente para as cinco ocorrências de *sa*, que nem existe na gramática do adulto); b) influência do português, pelo uso da forma reduzida do auxiliar ‘estar’, que entra na construção perifrástica do progressivo nesta língua (no entanto, enquanto o *ta* do CV se caracteriza por um ‘a’ fechado, o *tá* do português caracteriza-se por um ‘a’ aberto).

#### 4.2. Grupo 2: idades 3;6-3;6 (6 crianças)

Nesta secção, são apresentados, em valores absolutos, os resultados da experiência para o Grupo 2.

com morfema  $\emptyset$  (aparente “forma nua” do verbo)

S V (O) – 0 (correspondente à resposta (19c))  
V (O) – 0 (correspondente à resposta (19a))

com *sata*

S T<sub>1</sub> V O – 37 (correspondente à resposta (19d))  
S T<sub>1</sub> V – 10 ((19d) sem clítico de objecto) – (4 de uma criança e 3 de outra)  
T<sub>1</sub> V O – 3 (2 de uma criança)  
T<sub>1</sub> V – 2 (só de uma criança)

com *ta*

S T<sub>2</sub> V O – 3  
S T<sub>2</sub> V – 0  
T<sub>2</sub> V O – 5  
T<sub>2</sub> V – 0

com *sa*

S T<sub>3</sub> V O – 0  
S T<sub>3</sub> V – 0  
T<sub>3</sub> V O – 0  
T<sub>3</sub> V – 0  
Total = 60

Estes resultados, bem como algumas percentagens relevantes, estão organizados na Tabela 2, em baixo.

	com $\emptyset$		com <i>sata</i>		com <i>ta</i>		com <i>sa</i>		Totais	
<b>Sujeitos realizados</b>	0	0 %	47	78,33%	3	5%	0	0%	50	83,33%
com Objecto	0		37		3		0		40	
sem Objecto	0		10		0		0		10	
<b>Sujeitos nulos</b>	0	0%	5	8,33%	5	8,33%	0	0%	10	16,66%
com Objecto	0		3		5		0		8	
sem Objecto	0		2		0		0		2	
<b>Totais</b>	0	0%	52	86,66%	8	13,33%	0	0%	60	99,99%

Tabela 2 – Grupo 2: idades 3;0-3;6 (6 crianças, 60 itens)

Em paralelo com o Grupo 1, também no Grupo 2 não se verificou nenhuma ocorrência que seja aparentemente uma forma nua do verbo (o que também exclui combinações com o morfema  $\emptyset$ ). Ou seja, do mesmo modo, podemos aqui concluir que as crianças não usaram a única forma disponível em CV que poderia ser correspondente a uma infinitiva de raiz. Todas as frases estão de algum modo marcadas para TMA. Como também foi anotado em cima, no entanto, este resultado não atesta necessariamente a inexistência de RIs nesta língua, já que as perguntas formuladas eram marcadas pelo progressivo *sata*, o que pode ter condicionado as respostas das crianças.

Ainda no que respeita à marcação de TMA verificam-se, porém, algumas diferenças interessantes face ao Grupo 1. A percentagem total de ocorrências com a forma progressiva *sata* sobe consideravelmente no grupo das crianças mais velhas – 86,66 % face aos 64,29 % do Grupo 1. Esta subida converge com a descida das ocorrências com a forma *ta* – 13,33 % face aos 31,43 % do Grupo 1. A franca diminuição desta forma de um grupo para o outro, juntamente com a completa ausência de uma forma *sa* no Grupo 2 (enquanto no Grupo 1 tinha havido 7,14 % – embora três do total de cinco destes casos fossem de apenas uma criança), parece reforçar a hipótese da redução fonológica, que terá ocorrido com mais frequência no grupo dos mais novos e que vai declinando com a idade. Ou seja, esta diminuição não parece compatível com a hipótese de influência de uma reduzida forma perifrástica do português (com o auxiliar ‘estar’ flexionado para terceira pessoa do singular – *tá*, de *está*), uma vez que, se fosse este o caso, a influência deveria ter tantos mais efeitos quanto mais velhas fossem as crianças (devido a um maior contacto com falantes de português, o que ocorre menos quando estão mais confinadas à companhia dos pais, avós e irmãos, que falam consistentemente CV em casa). Resta ainda a possibilidade de aquelas crianças terem, de facto, usado o mesmo morfema *ta* que na gramática dos adultos falantes de CV marca um valor de habitual, por alguma razão que fica ainda por explicar.

Quanto aos NSs produzidos pelas crianças deste Grupo 2: a percentagem total caiu para menos de metade (16,66 % contra 37,14 % do Grupo 1). Curiosamente, no Grupo 2 verificou-se exactamente o mesmo número de NSs em frases com *sata* e em frases com *ta* (enquanto no Grupo 1 os NSs em frases com *ta* eram mais do que o triplo dos NSs em frases com *sata*). Ou seja, a diminuição significativa de NSs deu-se principalmente nas frases com a configuração *ta* V (O) (27,14 % no Grupo 1 contra 8,33 % no Grupo 2). Mesmo considerando que o número total de frases com *ta* diminuiu do Grupo 1 (22 em 70: 31, %) para o Grupo 2 (8 em 60: 13,33 %), ainda assim o número relativo de

NSs nestas frases sofreu uma diminuição – 19 em 22 (86,37 %) no Grupo 1, contra 5 em 8 (62,5 %) no Grupo 2.

Por fim, fica por explicar a razão da semelhança no número de ocorrências de NSs na configuração *sata V (O)* entre os dois grupos: 8,57 % no Grupo 1, 8,33 % no Grupo 2. Este é um aspecto para ser estudado em trabalhos experimentais futuros.

Embora não faça parte dos objectivos do presente artigo, note-se ainda que, no Grupo 1, há oito ocorrências de queda de objecto (11,43 % do total<sup>5</sup>). Todas estas ocorrências são em frases com sujeito realizado, marcadas pelo morfema *sata*. Quanto ao Grupo 2, verificaram-se comparativamente mais casos de objecto nulo: um total de doze (20 %), todos eles também em frases marcadas por *sata*. Destes, dez ocorreram em frases com sujeito realizado (quatro de uma criança e três de outra), e apenas dois em frases com NS (os dois produzidos pela mesma criança).

### 4.3. Comparação

Nos Gráficos 1 e 2, em baixo, temos uma ilustração mais clara dos resultados relevantes para este trabalho: as crianças caboverdianas que participaram na experiência produziram alguns NSs (colunas em tom mais escuro), em consonância com o que tem sido verificado em estudos com crianças falantes de outras línguas não *pro-drop*.

No entanto, a maioria das respostas correspondem à gramática do adulto. Ou seja, do tipo exemplificado em (19d): *E sata morde(-l)*. ‘Ele está a mordê(-lo).’ No Grupo 1 estas respostas são de 52,89% (um total de 37 em 70; 29 com objecto realizado e 8 sem objecto), enquanto no Grupo 2 – como esperado – esta taxa é mais elevada: 78,33% (um total de 47 em 60; 37 com objecto realizado e 10 com omissão de objecto). Os dados destas frases com sujeito realizado são visíveis nas colunas em tom mais claro (aqui não está feita a distinção entre as que têm objecto realizado (clítico) e as que o não têm).

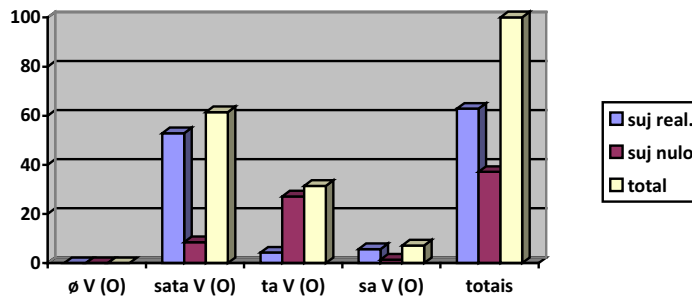


Gráfico 1 – Grupo 1: 2;4-2,11

<sup>5</sup> Por razões de clareza quanto ao fenómeno em análise neste trabalho – ocorrências de sujeitos nulos, NSs –, estas percentagens relativas à queda de objecto não estão assinaladas nas tabelas.

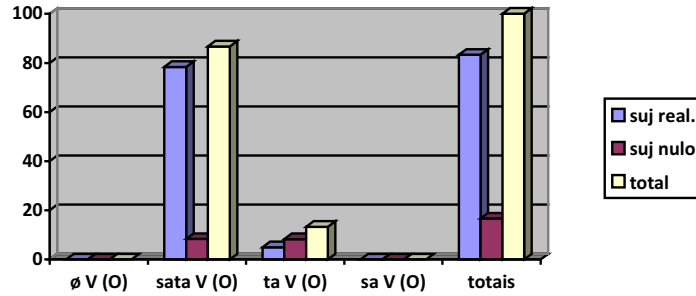


Gráfico 2 – Grupo 2: 3;0-3;6

Note-se ainda que em nenhum dos grupos foi registada qualquer ocorrência que seja aparentemente uma forma nua do verbo (o que também exclui combinações com o morfema  $\emptyset$ ). Ou seja, nenhuma das crianças usou a única forma disponível em CV que poderia ser correspondente a uma infinitiva de raiz. No entanto, e como já foi sublinhado acima, este resultado não atesta necessariamente a inexistência de RIs nesta língua, uma vez que as perguntas formuladas eram marcadas pelo progressivo *sata*, e este facto pode ter condicionado as respostas das crianças.

#### 4.4. Proposta de análise

Estudos futuros são necessários (encontram-se em preparação) para que seja possível obter uma análise melhor sustentada. Essa melhor sustentação passa não só pela obtenção de mais dados, como pela sua obtenção a partir de contextos/experiências diferentes – excluindo, por exemplo, possíveis efeitos (para a ocorrência de NSs) da estrutura pergunta/resposta, assim como eventuais efeitos indesejáveis (para a (não) ocorrência de um qualquer correspondente a RIs) provenientes do facto de a pergunta estar marcada pelo morfema de progressivo *sata*.

Assim, a presente proposta de análise tem um carácter limitado aos resultados desta experiência, uma vez que, por outro lado, é um trabalho pioneiro – mesmo único até agora – relativamente ao CV.

Em todo o caso, os dados obtidos e as observações apontadas são consistentes com a hipótese de truncamento (Rizzi, 1994; 2000). Ou seja, as crianças falantes desta língua não *pro-drop* exibem uma gramática diferente da dos adultos (embora esta esteja em continuidade com aquela) no sentido em que, ao contrário destes, têm ainda disponível a opção de assumir o nó IP como raiz das orações matriz (tendo em conta a ausência de combinações que poderiam corresponder a uma forma nua do verbo, o truncamento é, obrigatoriamente, acima do nó VP). Os sujeitos destas orações têm assim uma localização canónica na estrutura funcional, Spec,IP, mas com a particularidade de que este é aqui o especificador da raiz. Estes factos tornam possível a ocorrência nestes contextos de um

fenómeno específico, a “queda de sujeito da raiz”. Apenas desta forma parece possível acomodar estas ocorrências, uma vez que elas não podem com certeza ser *pro* (apenas disponível em línguas com traços de concordância fortes) e não podem também ser PRO (apenas disponível em orações não finitas). Serão, portanto, categorias nulas de natureza diferente, dispensadas de identificação obrigatória por não terem um antecedente que as c-comande (embora possa ser considerado que têm um antecedente discursivo, presente na pergunta efectuada).

Esta proposta resulta de uma abordagem comparativa, assumindo o que foi proposto para outras línguas com base em detalhados estudos sobre os sujeitos nulos na linguagem das crianças falantes de línguas não *pro-drop*. No entanto, como foi referido, novos e mais amplos trabalhos de aquisição de CV deverão ser chamados a confirmá-la, ou, se for caso disso, a refutá-la, em favor de alguma outra abordagem mais satisfatória para os factos observados.

## 5. Conclusões

O caboverdiano (CV) é uma língua não *pro-drop* (Pratas 2007): na gramática do adulto, não são permitidos sujeitos referenciais nulos (NSs) em orações matriz (embora a língua não tenha sujeitos expletivos realizados, isso não põe em causa o seu estatuto não *pro-drop* – Costa & Pratas, 2007).

Uma experiência (tarefa de produção elicitada) com crianças falantes de caboverdiano na ilha de Santiago (13 crianças divididas em dois grupos etários: Grupo 1, 2;4-2;11, e Grupo 2, 3;0-3;6) revelou que, à semelhança do que acontece com crianças falantes de outras línguas não *pro-drop*, estas crianças produziram alguns sujeitos nulos em orações matriz.

No presente artigo foi proposto que, embora tenham o valor do parâmetro do sujeito nulo correctamente fixado, as crianças caboverdianas mostram uma gramática diferente da dos adultos: têm disponível a opção de truncar a estrutura funcional no nó IP – ou seja, assumindo que é esta, e não CP, a raiz da frase (Rizzi, 1994; 2000). O facto de não ter sido verificada qualquer forma possivelmente correspondente a uma infinitiva de raiz (“forma nua” do verbo, uma vez que o CV não dispõe de morfologia de finitude) mostra que esse truncamento tem de ocorrer, pelo menos nestas frases, necessariamente acima do nó VP.

Para futura investigação, além dos passos necessários para poder confirmar ou negar esta proposta, será ainda interessante verificar se outras crianças falantes de caboverdiano produzem igualmente as formas *ta* e *sa* nestes contextos, quando o morfema esperado seria *sata*, e, se sim, qual é a verdadeira interpretação das três formas.

## Referências

Baptista, Marlyse (2002) *The Syntax of Cape Verdean Creole, the Sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Blom, Elma (2008) *The Acquisition of Finiteness*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Bloom, Paul (1990) Subjectless sentences in child language. *Linguistic Inquiry* 21 (4), pp. 491-504.
- Costa, João & Fernanda Pratas (2007) To allow *pro* does not mean being pro-drop: evidence from Capeverdean. *XXIII Encontro da APL*. Universidade de Évora, Outubro.
- Gerken, LouAnn (1991) The metrical basis for children's subjectless sentences. *Journal of Memory and Language* 30, pp. 431-451.
- Guasti, Maria Teresa (2002) *Language Acquisition: The Growth of Grammar*. Cambridge MA: MIT Press.
- Haegeman, Liliane (1990) Non-overt subjects in diary contexts. In J. Mascaro and M. Nespors (eds.) *Grammar in Progress*. Dordrecht: Foris.
- Haegeman, Liliane (1995) Root infinitives and root null subjects in early Dutch. In C. Koster and F. Wijnen (orgs.) *Proceedings of the GALA 1995*, 239. Groningen: Center for Language and Cognition.
- Hamann, Cornelia & Kim Plunkett (1998) Subjectless sentences in child Danish. *Cognition* 69, pp. 35-72.
- Hyams, Nina (1986) *Language Acquisition and the Theory of Parameters*. Dordrecht: Reidel.
- Hyams, Nina (1992) A reanalysis of null subjects in child language. In J. Weissenborn, H. Goodluck and T. Roeper (orgs.) *Theoretical issues in language acquisition: continuity and change in development*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Hyams, Nina & Ken Wexler (1993) On the Grammatical Basis of Null Subjects in Child Language. *Linguistic Inquiry* 24, pp. 421-459.
- Orfitelli, Robyn & Nina Hyams (no prelo) An Experimental Study of Children's Comprehension of Null Subjects: Implications for Grammatical/Performance Accounts. Comunicação apresentada na *BUCLD 2007*. Boston, MA.
- Pratas, Fernanda (2007) *Tense features and argument structure in Capeverdean predicates*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Rizzi, Luigi (1994) Some notes on linguistic theory and language development: the case of root infinitives. *Language Acquisition* 3 (4), pp. 371-393.
- Rizzi, Luigi (2000) Remarks on early null subjects. In N. Friedemann and Luigi Rizzi (orgs.) *The Acquisition of Syntax* 270. Harlow: Longman.
- Salustri, Manola & Nina Hyams (2006) Looking for the Universal Core of the RI Stage. In V. Torrens & L. Escobar (orgs.) *The Acquisition of Syntax in Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 159-182.
- Sportiche, Dominique (1988) A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry* 19, pp. 425-450.
- Valian, Virginia (1991) Syntactic subjects in the early speech of American and Italian children. *Cognition* 40, pp. 21-81.